



## SEÇÃO: RESENHA

## A gentil tessitura da obra *As linhas no rosto de Nana*

*The gentle texture of the work As linhas no rosto de Nana*

Letícia da Rosa

Fregapani<sup>1</sup>

[orcid.org/0000-0001-9810-151X](https://orcid.org/0000-0001-9810-151X)

[leticia.rosa@mx2.unisc.br](mailto:leticia.rosa@mx2.unisc.br)

Recebido em: 17 set. 2022.

Aprovado em: 25 out. 2022.

Publicado em: 21 nov. 2022.

**Resumo:** O presente texto tem como motivação tecer alguns diálogos a respeito da obra *As linhas no rosto de Nana*, da escritora e ilustradora Simona Ciraolo. Observamos como escrita e ilustração dialogam para assim construir uma bela narrativa infantil sobre o envelhecimento.

**Palavras-chave:** literatura infantil; Simona Ciraolo; envelhecimento; infância.

**Abstract:** The present text is motivated to weave some dialogues about the work *As linhas no rosto de Nana*, by writer and illustrator Simona Ciraolo. We observe how writing and illustration dialogue to build a beautiful children's narrative about aging.

**Keywords:** children's literature; Simona Ciraolo; aging; childhood.

CIRAOLLO, Simona. *As linhas no rosto de Nana*. Tradução de Alice Ruiz. São Paulo: FTD, 2020.

Quantas vezes ao longo de nossos dias atribulados paramos para contemplar as linhas no rosto de alguém? Isto: contemplar, não olhar, observar, con-tem-plar, sem buscar causas físicas, conceitos estéticos, mas perguntando a este rosto, a este corpo, o que ele sabe do tempo. Pois bem, dentre muitas outras coisas que se pode dizer desta obra, *As linhas no rosto de Nana* da escritora e ilustradora Simona Ciraolo é um convite a isso.

Segundo a própria apresentação da obra, Simona Ciraolo é italiana e atualmente reside em Londres, graduou-se em Cinema de Animação e em Ilustração de Livros para Crianças pela Cambridge School of Art. A autora recebeu o prêmio Sebastian Walker Award for Illustration, entregue aos mais promissores diplomados da instituição, na ocasião foi observado o particular uso da cor, o humor e as belas composições gráficas em seus livros. Tal comentário pode ser comprovado ao acessarmos o *site* ou a página no Instagram da autora e vislumbrarmos as suas obras<sup>2</sup>, que são oito as quais temos conhecimento. Destacamos, entre essas, a obra *Timidos*, igualmente rica em detalhes e gentilezas. O livro ao qual nos dedicaremos nesta resenha foi publicado originalmente em língua inglesa pela *Editora Nobrow* em 2016, já a edição brasileira que analisamos saiu em 2020 pela *Editora FTD*, tendo como tradutora, a também



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

<sup>1</sup> Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), Santa Cruz do Sul, RS, Brasil.

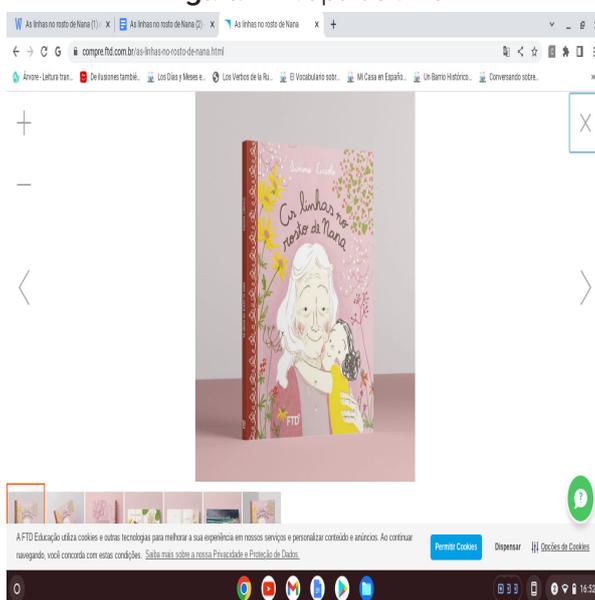
<sup>2</sup> Site da autora disponível no link: <https://simonaciraolo.com/books>. Acesso em: 29 jul. 2022. Página no *Instagram* da autora disponível em: <https://www.instagram.com/simonaciraolo>. Acesso em: 29 jul. 2022.

escritora Alice Ruiz.

No Brasil, a obra recebeu o selo Altamente Recomendável FNLIJ 2021 pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. É composta por 40 páginas, medindo 20,5 cm x 24 cm, é escrita em prosa, possuindo dois personagens, sendo um deles a narradora. O texto escrito é relativamente curto e as ilustrações têm grande espaço. O site da editora, que tem forte vínculo pedagógico, recomenda como público-alvo alunos de 2º e 3º anos do Ensino Fundamental, ou seja, crianças

com oito ou nove anos, sendo, portanto, uma obra literária infantil. Isso significa, simplesmente, que a obra pode vir a interessar ou pode ter sido criada de modo a dialogar com tal faixa etária, considerando a linguagem usada e os temas abordados, no entanto, não há como dizer que ela interesse somente a este grupo. Não obstante, concordamos com a indicação e pressupomos que, tanto em ambiente escolar como para além dele, tal leitura é muito significativa.

**Figura 1** – Capa do livro



**Fonte:** Captura de tela realizada pela autora em *FTD Loja Virtual* (2022).

A palavra que nos vem à mente ao tocar o livro *As linhas no rosto de Nana* é *gentileza*, os traços, os detalhes que acompanham a capa, a contracapa e todas as páginas, compõem com delicadeza o que imaginamos transpor a energia que emana de Nana e sua neta (as personagens da narrativa), que já nos arrebatam com o olhar que trocam na capa. As flores que emolduram a capa e a contracapa, as linhas de bordado e costura, as estantes repletas de brinquedos e de porta-retratos unem estes dois seres, que estão em lugares “opostos” na linha da vida (se isso existe), revelando sua sintonia e costurando uma rica narrativa.

Curiosa essa recorrência de linhas, sendo duas explícitas pela obra: as do rosto de Nana e as

ilustradas com almofadinha, carretel e aludidas pelos bordados que circundam a obra – o que descobrimos depois é que esta avó também é costureira, e possivelmente aí esteja contida a relação. Extrapolando um pouco o que o texto nos permite, chegamos a esta ideia de uma linha do tempo e por mais que esta questão talvez não alcance a discussão do leitor presumido, há indiretamente uma representatividade e uma familiarização deste leitor através da escolha dos personagens.

Há socialmente a criação de opostos entre estas faixas etárias, como representativas do “início” e do “fim” de um ciclo, o que leva, curiosamente, a uma semelhança. Infelizmente, muitas vezes é negada às crianças e aos idosos a voz,

como se, vulneráveis, não soubessem da vida. Pensamento, no mínimo, peculiar, uma vez que a criança é aquela que mais viva tem para si a experiência de nascer e conhecer este mundo que habitamos, e o idoso, já tendo caminhado bastante, é o ser que pode lançar sobre o caminho percorrido um olhar singular, que só quem o trilhou pode ter. E aqui está uma das riquezas desta obra: colocar estes dois seres em diálogo, desfocando a assimetria.

Escrever para crianças é um fazer delicado. Uma vez que é um adulto "falando", este pode encontrar meios para tentar diminuir a assimetria, mas ela segue presente. Esta obra não só lida com tal desafio, como também o traz de forma muito gentil para a própria narrativa, fazendo com que avó e neta integrem o jogo do brincar e estejam no lugar do devir-criança:

Devir-criança não é tornar-se uma criança, infantilizar-se, nem sequer retroceder à própria infância cronológica. Devir é um encontro entre duas pessoas, acontecimentos, movimentos, ideias, entidades, multiplicidades, que provoca uma terceira coisa entre ambas, algo sem passado, presente ou futuro; algo sem temporalidade cronológica [...]. Um devir é algo "sempre contemporâneo", criação cosmológica: um mundo que explode e a explosão de mundo (KOHAN, 2002, p. 4).

Ouvimos e vemos muitas histórias de netos e avós entrelaçados pelo carinho e a vontade de compartilhar. A obra, portanto, pode estar evidenciando diálogos que já ocorrem pelos quintais afora deste mundo, ou também motivando que mais alguns ocorram, uma vez que a questão colocada ao longo da narrativa pode inquietar outras crianças após sua leitura. Crianças e aqueles que levam a infância consigo possivelmente se perceberão rememorando a face de seus entes, tentando recordar de cada linha e junto com elas de um olhar. "A infância, entendida em primeira instância como potencialidade é, afinal, a matéria-prima das utopias, dos sonhos políticos dos filósofos e educadores" (KOHAN, 2002, p. 1).

Na narrativa está acontecendo a festa de aniversário de Nana, e ela – um pouco afastada – cuida de suas plantas (que são muitas). A avó analisa uma flor murcha quando a neta a obser-

vando pondera:

Hoje é o aniversário de Nana e estamos dando uma festa! Eu sei que ela está feliz porque Nana gosta quando estamos todos juntos.

Mas, às vezes, quando eu olho atentamente pra ela, Nana parece estar um pouco triste, e um pouco surpresa, e um pouco preocupada, tudo ao mesmo tempo (CIRAOLLO, 2020, p. 6-7).

Há algo de muito potente nessa percepção: uma imagem do múltiplo, alguém que transpõe muitas coisas, que viveu muitas coisas. Isso fala das rugas de Nana, fala de uma criança que está aprendendo a compreender as emoções, mas também pode ser uma metáfora daqueles que já viram muito da vida, que têm muitas memórias. Podemos destacar a escolha de palavras também "quando eu olho atentamente para ela": há que se demorar no olhar, contemplar, para que a curiosidade surja. E há um olhar admirado por parte da neta que pode contagiar o leitor. "É nestas linhas que eu guardo todas as minhas memórias" diz Nana (CIRAOLLO, 2020, p. 9). As personagens estão nos mostrando que o rosto conta uma história, as marcas nele falam do tempo, do que ele nos fez e do que fizemos com ele. Fala dos sorrisos, das preocupações, das inquietações... das emoções, que por sinal são muito bem retratadas na obra.

As expressões faciais das personagens são de uma riqueza de detalhes e de uma compreensão do corpo admiráveis. Ao perceber a avó, a menina está retraída perto da soleira da porta, com semblante sério, distante e observando-a; já quando percebe que tem abertura para seguir na conversa, se aproxima do banco em que a vó se senta, quase a tocando e sorri. A menina indaga se Nana se incomoda com as linhas, uma vez que elas seriam a causa das várias emoções que pode estampar. Seria isto reflexo de uma quase falta de expressividade ou o ápice da expressividade de um ser que não sente a partir de rótulos?

A pergunta da menina a respeito do incômodo quanto às rugas pode nos conduzir também a um outro discurso social, no qual ter rugas é ruim, feio. Em tempos de grande efervescência na discussão a respeito de procedimentos estéticos e no uso de filtros em redes sociais, estas marcas relacionadas a passagem do tempo são

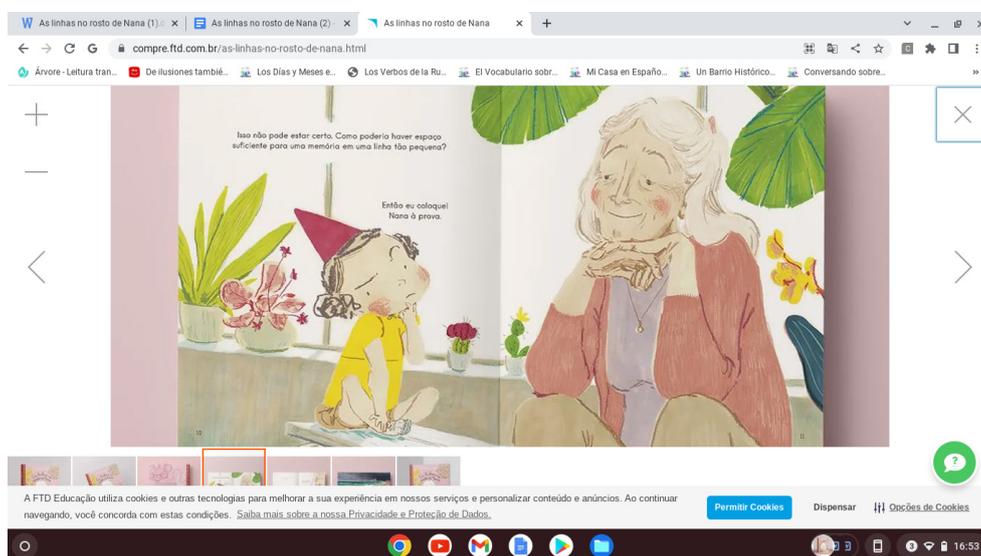
questionadas, e parte das pessoas julga ser melhor escondê-las, tentando atingir talvez um ideal de beleza que estaria relacionado à juventude. Fenômeno que nos é novamente muito peculiar, dado que estamos em constante envelhecimento, e envelhecer, sob o olhar de Nana e do nosso, é belo. Considerando que a criança está imersa neste emaranhado de questionamentos e pré-conceitos em sociedade, a forma com que a questão é abordada no livro pode mostrar-lhe de antemão um outro olhar, não só para o corpo do outro, mas para o seu próprio também: o tempo

passa para todos.

Um duplo enigma na realidade: corpo e tempo. Os corpos não estão apenas ali – aqui – ocupando com contundência meu espaço, mas estão agora, sujeitos à mudança. É mais: a mudança é parte de sua deslumbrante contingência. Os corpos têm história e isso os torna ainda mais determinados, mais inapreensíveis (MONTES, 2020, p. 63).

Demoremo-nos um pouco nas páginas 10 e 11 do livro:

Figura 2 – A prova



Fonte: Captura de tela realizada pela autora em *FTD Loja Virtual* (2022).

Observemos as expressões faciais da neta e da avó. Podemos dizer que está estampada na expressão da menina a sua fala: "Então eu coloquei Nana à prova", transpondo desafio, astúcia e mistério; já na expressão da avó está toda a tranquilidade e a calma deste mundo, quase contemplativa à neta e do que está por vir. A neta quer saber as memórias que estão nestas linhas.

E, pela primeira vez na narrativa, a neta toca a vó, mais em específico as linhas do rosto, e vai questionando sobre cada uma delas e para cada linha Nana tem uma memória. A primeira é de quando ela resolveu um mistério, e só descobrimos qual foi quando viramos a página e nos deparamos com a ausência de palavras, no entanto, com a abundância de imagens. As

duas páginas contam com uma ilustração que as toma por completo, com coisas acontecendo em primeiro e segundo plano e, recorrentemente, com alusão ao movimento. A história de cada memória quem completa é o leitor, a partir das inferências que faz, da observação dos detalhes: a cor do céu, o guarda-sol caído, o riso, o cabelo voando, o tecido espalhado no chão, o cachorro com a cabeça para fora da janela...

As memórias ilustradas e as imagens que evocam podem, também, nos levar a outras memórias e a outras imagens.

As imagens que formam nosso mundo são símbolos, sinais, mensagens e alegorias. Ou talvez sejam apenas presenças vazias que completamos com o nosso desejo, experiência, questionamento e remorso. Qualquer que seja

o caso, as imagens, assim como as palavras, são a matéria de que somos feitos (MANGUEL, 2001, p. 21).

E a menina segue se aproximando da vó, quase escalando-a para alcançar as linhas (marcas de “gente grande”). Porém, nem só de lembranças alegres estão feitas as linhas, a neta também encontra as marcas de momentos difíceis da avó, e como é importante que isto esteja representado também. Por fim, a menina se inclui, perguntando sobre as lembranças que a avó tem dela e lá estava sua linha também. Depois, tudo isto cabe em um abraço aquecido pela fala final e o retorno para a festa.

Ao fim da leitura dessa resenha do livro – em que tentamos não dizer mais do que o necessário e semear a vontade de lê-lo em que nos lê –, ou-  
samos supor que tanto no nível do narrado, como no nível do fazer leitor e da mediação, a obra de uma forma sutil trata da matéria de que é feita a infância, de um olhar livre que vê a beleza da qual somos feitos. E o faz de modo singelo, com qualidade e sem pretender ensinar uma “lição”.

As crianças têm um modo ativo de ser e habitar o mundo, elas atuam na criação de relações sociais, nos processos de aprendizagem e de produção de conhecimento desde muito pequenas. Sua inserção no mundo acontece pela observação cotidiana das atividades dos adultos, uma observação e participação heterodoxa que possibilitam que elas produzam suas próprias sínteses e expressões. A partir de sua interação com outras crianças – por exemplo, por meio de brincadeiras e jogos – ou com os adultos – realizando tarefas e afazeres de sobrevivência –, elas acabam por constituir suas próprias identidades pessoais e sociais (BARBOSA, 2007, p. 1066).

As linhas no rosto de Nana, são as linhas no rosto de Leda, de Antonieta, de João, são as linhas de nossos avós. Quantas de nossas recordações de infância não estão relacionadas com anciãos?<sup>3</sup> Aqueles que costuravam roupinhas de pano, que sempre tinham uma bala no bolso, que nos esperavam com um pão quentinho, que tinham um conselho para dar, uma história para contar...? As memórias da infância coincidem com as da

velhice. Felizes daqueles que contemplam suas linhas no rosto e nelas veem a vida.

## Referências

AS LINHAS no rosto de Nana. In: *FTD Loja Virtual*. [S. l.], c2011. Disponível em: <https://compre.ftd.com.br/as-linhas-no-rosto-de-nana.html>. Acesso em: 29 jul. 2022.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Culturas escolares, culturas de infância e culturas familiares: as socializações e a escolarização no entretecer destas culturas. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1059-1083, out. 2007.

CIRAOLLO, Simona. *As linhas no rosto de Nana*. Tradução de Alice Ruiz. São Paulo: FTD, 2020.

CIRAOLLO, Simona. *Tímidos*. Tradução de Nathália Dimambro. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2022.

KOHAN, Walter Omar. A infância da educação: o conceito devir-criança. In: *Educação Pública*. [S. l.], 1 jan. 2002. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/2/1/a-infancia-da-educacao-o-conceito-de-vir-crianca#:~:text=O%20devir%2Dcrian%C3%A7a%20%C3%A9%20uma.%3B%20Guattari%2C%201997a%2C%20> Acesso em: 30 jul. 2022.

MANGUEL, Alberto. *Lendo imagens: uma história de amor e ódio*. Tradução de Rubens Figueiredo, Rosaura Eichenberg e Cláudia Strauch. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MONTES, Graciela. *Buscar indícios, construir sentidos*. Tradução de Cícero Oliveira. Salvador: Selo Emília e Solisluna Editora, 2020.

---

## Letícia da Rosa Fregapani

Mestra em Letras pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), em Santa Cruz do Sul, RS, Brasil; doutoranda em Letras pela mesma instituição. Licenciada em Letras Português/Espanhol pela UNISC.

---

## Endereço de correspondência

Letícia da Rosa Fregapani  
Universidade de Santa Cruz do Sul  
Av. Independência, 2293, Bloco 10  
Universitário, 96815-900.  
Santa Cruz do Sul, RS, Brasil

*Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação da autora antes da publicação.*

---

<sup>3</sup> Dizer que alguém é velho tomou uma conotação depreciativa, e por mais que saibamos que a palavra não precisa o ser, ainda soa estranha. Na língua espanhola há a preferência pelo nome “anciano” como expressão de respeito, e acreditamos que seja interessante porque traz junto a ideia de experiência, sabedoria... então a adotamos aqui.